

Ponto de vista para Tecnicelpa - Portugal:

Encontros & Conferências TECNICELPA: reflexões sobre sua importância para a sociedade celulósico-papeleira em Portugal

Celso Foelkel

Nós seres humanos temos como uma de nossas principais e mais importantes características os aspectos de inter-relacionamento pessoal. Somos definitivamente um tipo de ser vivo que demanda por coletividade, pois essa consegue nos dar forças, energias, saber e embasamento para sobrevivência, desenvolvimento e sucesso. Entretanto, ser coletivo não significa apenas estarmos juntos uns com os outros para *trocar um papo furado* ou apenas para aumentar o tamanho do grupo. Temos que estar orientados para compartilhar, ajudar, dividir, unir esforços e trabalhar juntos para o bem comum ou para atingimento de resultados almejados por todos. Com isso, o sucesso do grupo é mais facilmente atingido e o seu bem-estar e desenvolvimento também o serão.

Ao longo de nossas vidas, passamos a maior parte do tempo exercitando isso, inclusive em nossas profissões, nas organizações onde colocamos nosso esforço de trabalho e nossa inteligência para se somarem às forças e inteligências de outras pessoas. Quanto mais rica e diversificada for a equipe ou o grupo envolvido, maiores as oportunidades de alavancagem de desenvolvimento. Por isso, os gestores de recursos humanos estão sempre tentando energizar positivamente essas ações relacionais entre as pessoas.

Obviamente, uma associação como a TECNICELPA também entende esses pontos e trabalha com os mesmos objetivos, só que o elo comum entre as pessoas é o saber tecnológico para ser compartilhado e ter a troca incentivada dentro do setor específico de produção e comercialização de celulose e papel. Existem inúmeras formas para se realizar isso, algumas delas bem tradicionais (cursos, eventos, reuniões técnicas, encontros, exposições, visitas) e outras mais modernas (webinars, redes sociais, grupos virtuais, visitas lúdicas, diálogos dirigidos, eventos online, etc.). Quanto mais energia e planejamento forem colocados nessas atividades e quanto mais qualificados e diversificados forem os grupos de participantes, maiores serão os benefícios mútuos atingidos. Com isso, a associação consegue potencializar os ganhos tecnológicos aos participantes através de maior número de pessoas (nacionais e internacionais) e de diversidade tecnológica (técnicos setoriais de produtores e de fornecedores, acadêmicos, estudantes, consultores, mercadores, economistas, etc.). Organizar e orquestrar eventos são, portanto, missões que têm muito mais de ciência e planejamento do que apenas a tarefa de reunir um grupo de pessoas para se encontrarem e trocarem ideias ou para conversarem amenidades.

Uma associação como a TECNICELPA é formada por técnicos dos setores de celulose e papel, tendo sua base em Portugal, mas com foco global devido às características desse tipo de setor industrial. Logo, a diversidade de pessoas qualificadas de diferentes países/entidades agrega muito à coletividade que participa nos eventos, aumentando a qualidade dos mesmos. Isso bem sabe fazer a TECNICELPA ao orquestrar seus eventos técnicos ou conferências.

Muitas vezes, tenho visto associações técnicas que focam suas ações nas principais empresas mantenedoras, as que pagam maiores taxas associativas. Isso acaba restringindo a orientação tecnológica, que poderia ser mais qualificada se o grande contingente de técnicos do setor pudesse colaborar no planejamento das realizações e não apenas alguns poucos técnicos das empresas líderes. Essas associações acabam se esquecendo de que as empresas são coletividades de técnicos que podem se somar a outras coletividades, compartilhando mais e reforçando o desenvolvimento das pessoas e por consequência, das empresas e organizações.

Já sou associado da TECNICELPA há praticamente quinze anos e observo com muita atenção o sucesso de seus Encontros Nacionais e Conferências, que costumam acontecer com periodicidade variada entre 2 a 3 anos. Aprecio muito o planejamento colocado pela entidade de forma a atender às expectativas dos diferentes tipos de técnicos, como os das empresas produtoras de celulose e papel, de fornecedores do

setor, dos acadêmicos universitários e tecnólogos, dos consultores, dos profissionais de manutenção e engenharia, etc.

Para oportunizar maiores resultados associativos e setoriais, os encontros técnicos costumam ser organizados de forma que exista um fator energizador, algo que seja de interesse coletivo nos momentos em que os encontros são realizados. Isso pode variar, pois existem muitos temas importantes para o setor, tais como sustentabilidade, mudanças climáticas, competitividade, estado-da-arte tecnológico, redução de custos operacionais, gestão da manutenção, inovações setoriais, florestas plantadas, qualidade da madeira, etc. Com essa orientação em prática, uma associação técnica passa a ser vista não como uma entidade apenas promotora de eventos, cursos e exposições, mas como algo de vital importância para o sucesso do setor onde atua.

O importante para o sucesso desses eventos é conseguir diversidade, qualificação, intercâmbio e participação. Não basta apenas o relacional: o evento tem que ter agregação tecnológica para os participantes. Como eu sempre *corro atrás* dos livros ou CD's dos eventos da TECNICELPA e tenho a maioria deles desde os primeiros que aconteceram, posso aceitar que essa premissa de qualidade técnica vem sendo preenchida, pois minha ação não seria essa se os livros dos trabalhos não fossem tecnicamente muito bons.

As estatísticas dos eventos têm mostrado que o número de participantes é significativo, entre 200 a 350, em geral com 70 a 75% de portugueses e 25 a 30% de participantes internacionais – o que amplia a diversidade requerida. Quando o evento é realizado em parceria com outras associações internacionais (EUCEPA, RIADICYP, etc.) amplia-se muito a oferta de novos conhecimentos e os resultados são potencializados, o que é muito bom.

Definitivamente, considero que os resultados são excelentes, mas que poderiam ser ainda melhores se as empresas locais se organizassem melhor para liberação de seus colaboradores não apenas para estarem presentes, mas para efetiva participação nesse processo de compartilhamento tecnológico.

Tenho plena convicção de que a comunidade papelreira portuguesa é qualificada e competitiva: as estatísticas do setor confirmam isso. Também não tenho dúvidas da qualidade tecnológica de suas empresas e da altíssima qualidade de suas escolas e universidades. Por outro lado, sempre postulei que muito dificilmente uma empresa poderá ser competitiva por muito tempo se ela se isolar e não trabalhar coletivamente pelo setor.

Uma das formas de ganhar competitividade é pelo fortalecimento do setor como um todo e não apenas de umas poucas de suas empresas. Por isso, sempre advoguei e incentivei a troca de informações e o compartilhamento de conhecimentos para que os técnicos de nosso

setor possam se destacar em suas ações e nos processos de tomada de decisões.

Caberá a cada gestor de cada empresa entender que ele precisa ter também efetiva participação nessa orquestra de aprendizado para que o setor todo possa manter e aumentar sua qualificação, competência e fortalecimento de competitividade.

A TECNICELPA vem cumprindo seu papel realizando interessantes e importantes encontros, que poderiam ser até mesmo mais frequentes e mais frequentados. Ainda existem muitos técnicos ausentes desse processo e com ganas de cooperarem. Vocês concordam com isso? Caso respondam sim, vocês teriam condições para cooperação em busca de melhores resultados e maior fortalecimento tecnológico dessa grande coletividade produtiva que é o setor de celulose e papel? Espero sinceramente que sim, e que se mobilizem para isso.